

## Contribuciones

# Trabalho, família e migrações: uma relação afetiva e uma trajetória de pesquisa

**Marilda A. Menezes**

*Universidade Federal do ABC*  
menezesmarilda@gmail.com

Nasci e vivi, até meus 24 anos de idade, na região metropolitana de São Paulo, conhecida como o ABC Paulista<sup>1</sup>, conhecida por sua concentração industrial e por ter sido o berço do importante movimento de greves dos metalúrgicos no período da ditadura militar, especialmente nos finais da década de 1970 e início de 1980. Essa região foi, também, o território de acolhimento do importante fluxo migratório da região Nordeste do Brasil. Sou filha de pai nordestino, artesão, mestre na arte de fazer e consertar sapatos. Meu pai migrou do Estado de Sergipe, seu estado natal, para o sul da Bahia e, posteriormente, para o interior do estado de São Paulo, onde veio a conhecer e se casar com minha mãe. Minha mãe pertencia a uma família de colonos, sistema de trabalho que ainda predominava nas fazendas de café em São Paulo<sup>2</sup>. Logo após o casamento em 1954 migraram para a região do ABC Paulista. Esta situação me permitiu vivenciar de perto, na escola e nas ruas, a luta e a saga de homens, mulheres, crianças, jovens e idosos em busca de

- 1 ABC Paulista, Região do Grande ABC, ABC ou ainda ABCD, é uma região tradicionalmente industrial do estado de São Paulo, parte da Região Metropolitana de São Paulo, porém com identidade própria. A sigla vem das quatro cidades, que originalmente formavam a região, sendo: Santo André (A), São Bernardo do Campo (B) e São Caetano do Sul (C) - Diadema (D) é às vezes incluída na sigla. É relativamente comum encontrar também ABCDMRR que também inclui os municípios de Ribeirão Pires, Mauá e Rio Grande da Serra
- 2 O colonato foi uma relação de trabalho que predominou durante o longo período da transição do trabalho escravo para o trabalho livre no campo, especialmente nas fazendas de café do estado de São Paulo.



emprego, moradia, estudo e ascensão social. Este período me permitiu conhecer, desde tenra idade, a importância, a centralidade mesmo do trabalho na vida das pessoas, das famílias e do conjunto da sociedade. Como a grande maioria das pessoas da minha geração na região, comecei a trabalhar em emprego formal desde muito jovem, aos quatorze anos de idade, conciliando trabalho e estudo desde o ensino médio.

Minha experiência de trabalho me permitiu vivenciar a intensidade do trabalho e a extensa jornada de trabalho, marcada, em outras coisas, pela obrigação de realizar horas extras nos finais de semana. Se, por um lado, o esforço de trabalho, a labuta era árdua, por outro, guardo na minha memória acontecimentos de companheirismo e solidariedade, e pessoas cuja presença ainda reluzem pela generosidade e fraternidade. Em 1975, ingressei no curso de Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia e Letras da Fundação Santo André. O país vivia o auge do governo militar, mas o contexto de repressão político-ideológica não conseguiu impedir que minhas professoras e professores incluíssem em seus cursos autores do pensamento crítico. A re-emergência dos movimentos sindicais, sociais e políticos na região do ABC Paulista no final da década de 1970 propiciou um ambiente de ebulição das ideias, práticas e engajamentos dos trabalhadores, estudantes, donas de casa, participantes de movimentos das igrejas e dos partidos políticos, que marcaria profundamente nossa geração de colegas.

Ao final do curso de graduação em Ciências Sociais em 1978, um grupo de sociólogos criou a Associação dos Sociólogos do ABC, entidade que se dedicava a estudos do trabalho e da política, ao engajamento nas comunidades eclesiais de base e movimentos de bairro e sindicatos. Particpei de uma experiência de alfabetização de adultos que utilizava o método Paulo Freire em uma favela do município de Santo André. Os alfabetizandos eram migrantes procedentes da região do Sertão de Cajazeiras, Estado da Paraíba, região Nordeste do Brasil. A experiência do método de alfabetização que se fundamentava na reflexão de temas e palavras próprias de seu universo linguístico e simbólico me mostrou alguns aspectos da experiência de vida e de trabalho daqueles camponeses e trabalhadores. Assim, eles se tornaram os personagens de minha primeira pesquisa de campo, cujos resultados compuseram minha Dissertação de Mestrado, defendida no Mestrado de Sociologia Rural da Universidade Federal da Paraíba, orientada pela Profa. Ghislaine Duque (Menezes,1985). Com minha orientadora aprendi sobre a diversidade dos ecossistemas da região semi-árida e as formas, historicamente construídas pelos agricultores, de convivência com a seca. A pesquisa foi multi-

situada, nas localidades de origem e destino dos migrantes, e envolveu um grupo de 35 famílias separadas geograficamente pela migração, mas conectadas socialmente, culturalmente e emocionalmente. Entrevistei homens e mulheres, trabalhadores em plantas industriais e em empresas de serviços, localizadas em três municípios diferentes, – Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul (todos da região do ABC). Assim como seus pais que eram camponeses (vivendo e trabalhando na condição de “moradores”, “rendeiros” e “foreiros”) na região do Sertão de Cajazeiras, estado da Paraíba, região Nordeste do Brasil <sup>3</sup>.

Fundamental para a minha elaboração analítica das migrações foi, sem dúvida, a contribuição de cientistas sociais brasileiros e estrangeiros, com destaque para a importância do trabalho e da família na vida dos camponeses e operários. Registro aqui alguns elementos desta construção. Em primeiro lugar, a migração é feita por indivíduos, mas ela faz parte, quer dizer, é constituinte das estratégias de reprodução social de toda a família (Durhan, 1978; Garcia Junior, 1989; Scott, 1986; Woortmann, 1990). Em segundo lugar, destaco que os deslocamentos migratórios não expressam necessariamente uma transição do campesinato para o proletariado industrial ou a ruptura com o meio rural e uma integração na cidade, mas também, e muito frequentemente, articulam as múltiplas formas de reprodução camponesa e de trabalho assalariado. Registro, nesse aspecto as contribuições de Meillassoux (1977), Garcia Jr (1980, 1989), Palmeira (1977), Lopes (2013). Em terceiro lugar, as redes sociais de parentesco, vizinhança e amizade são mobilizadas nas estratégias de trabalho, nos arranjos de família e de moradia, formas de sociabilidade e pertencimento religioso assim como conectavam os territórios do Sertão Paraibano e a região do ABC Paulista.

Após concluir o mestrado em 1985, ingressei como pesquisadora no Centro de Estudos Migratórios (CEM), instituição de pesquisa e documentação, vinculada à Congregação Católica Scalabriniana, cuja ação pastoral está voltada para os migrantes nacionais e internacionais. Este vínculo me permitiu, em 1986, de participar da fundação do Serviço Pastoral de Migrantes (SPM), órgão da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Fui a primeira Secretária nacional desse organismo, cuja linha era das pastorais

---

3 A região Nordeste do Brasil comportada uma região úmida no litoral, conhecida como *Zona da Mata*, uma região de transição, mais ou menos estreita, conhecida como *Agreste*, e uma vasta região, periodicamente castigada por secas e estiagens, conhecida como *Sertão*. Ver a respeito, o livro clássico do saudoso professor Manuel Correia Andrade (Andrade, 1980).

sociais. Envolvia visitas aos locais de trabalho e moradia dos migrantes, encontros de sensibilização sobre as questões de trabalho, moradia, educação e política. Este trabalho me permitiu uma experiência muito rica, não apenas para conhecer a realidade e promover ações de intervenção social com diferentes categorias de trabalhadores e migrantes – operários da indústria, empregadas domésticas, cortadores de cana, trabalhadores rurais sem terra, posseiros e áreas de fronteira agrícola; mas me permitiu também o aprendizado da “arte de escutar”. Desta experiência nasceu o livro “*Histórias de Migrantes*” (1992), cujo propósito foi representar um registro de memória das vozes de migrantes das mais diversas regiões no Brasil.

Entre 1988 a 1994, a atuação na Pastoral dos Migrantes me permitiu o contato com os camponeses do Estado da Paraíba que trabalhavam no corte de cana na Zona da Mata de Pernambuco. O contato próximo aos trabalhadores, homens no eito da cana, bem como com suas famílias - mulheres, namoradas, mães, pais, filhos e filhas - nas áreas rurais da região Agreste do Estado da Paraíba me ofereceu a oportunidade para desenvolver a pesquisa etnográfica de minha Tese de doutorado defendida em 1997 na Universidade de Manchester, Inglaterra, sob a orientação do prof. Duncan Scott, com co-orientação de Collin Murray (Menezes, 2002). Realizei trabalho etnográfico e entrevistas com mulheres nas áreas rurais da região Agreste do Estado da Paraíba. Normalmente, nos períodos de ausência dos homens por ocasião do trabalho no corte de cana, as mulheres trabalham na agricultura e no cuidado das crianças, jovens e idosos. Analisei as condições de exploração dos trabalhadores no corte de cana, bem como suas formas de resistência às relações de dominação no cotidiano do trabalho nas usinas de açúcar e destilarias de álcool do Estado de Pernambuco e da vida nos alojamentos. Em minha análise das formas de resistência utilizei largamente a concepção teórica de ‘*resistência cotidiana*’ proposta por James Scott (1985, 1990). Diferentemente dos movimentos coletivos organizados, dirigidos por entidades oficiais ou não-oficiais de representação política ou sindical, as práticas cotidianas requerem pouca ou nenhuma coordenação, sendo portanto informais, individuais, microscópicas, embora possam ser praticadas por muitos indivíduos nos mais diferentes espaços sociais. Não há separação entre “resistência real” e “resistência incidental”, mas há formas diferenciadas de resistência. Na literatura especializada, é corrente a visão de que os trabalhadores migrantes tendem a ser passivos, submissos às condições de dominação e tem participação frágil nos sindicatos. Observar as formas de resistência microbianas, fragmentadas, dissimuladas tem possibilitado dar visibilidade às

ações e pensamentos dos trabalhadores, que normalmente passam despercebidas em outras lentes teórico-metodológicas.

A utilização do referencial teórico de James Scott me motivou a avançar no estudo de sua obra, o que pude realizar por ocasião de meu Pós-Doutorado no Agrarian Studies Program da Yale University, coordenado por Scott, no período de 2004-2005. Foi uma experiência fértil de debate acadêmico com o Prof. James Scott, o grupo de pesquisadores e convidados nos seminários do programa.

As relações de gênero em intersecção com trabalho familiar, foram, também, objeto de pesquisas na década de 2000, tendo como eixo a juventude rural e memórias de infância de homens e mulheres em áreas rurais da região Agreste do Estado da Paraíba. Nesses temas, foi importante a contribuição de Nazareth Wanderley (2013)

Na avaliação dos resultados das pesquisas que realizei sobre trabalhadores migrantes em usinas de cana de açúcar pude contar com o aporte teórico de vários pesquisadores brasileiros, tais como Andrade (1980); Cavalcanti, (1999); Lopes (1978); Silva (1999), Sigaud (1979) entre outros; e de antropólogos e historiadores de outros países: Breman (1985, 1994); Harries (1994); Mayer (1980); Mitchell (1974), Moodie (1983); Murray (1981), Taussig (1980).

Ao examinar as trajetórias e histórias de vida das famílias, o campo etnográfico tem sido multi-situado, nos locais de trabalho e moradia, no trabalho agrícola familiar e assalariado, em indústrias e setor de serviços; em espaços de moradia e sociabilidade em áreas rurais e urbanas. Temos compartilhado da orientação metodológica de antropólogos do sul da África que realizaram estudos com deslocamentos migratórios de pessoas (homens e mulheres) de diversas etnias para trabalharem em plantações de cana de açúcar, ou na mineração, ou nas indústrias de transformação e empresas de serviços (Mayer, 1964; Murray, 1981; Moodie, 1981, 1993). A análise de redes sociais tem sido um instrumental teórico e metodológico importante para compreender os elos sociais entre indivíduos e suas famílias cujas trajetórias de vida são marcadas por deslocamentos nesses diversos espaços. O diálogo sobre essas perspectivas foi frutífero no Pós-Doc no Departamento de Antropologia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), em 2011, sob orientação da profa. Emília P. de Godói.

Após aposentar-me do Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal de Campina Grande, após 22 anos de atividade, nesta

instituição, aceitei o convite, em novembro de 2012, para ser Professora Visitante na Universidade Federal do ABC, (instituição inaugurada em 2006, fruto do REUNI- Projeto de Reestruturação e expansão das universidades federais). A região do ABC já não tinha mais a pujança do desenvolvimento industrial, pois muitas indústrias haviam se deslocado para outros estados do Brasil, bem como mudanças tecnológicas haviam provocado a redução do número de trabalhadores empregados. O fluxo de migrantes que chegavam da região Nordeste já não era mais significativo. Por sua vez, os trabalhadores migrantes que pesquisamos no início da década de 1980 estavam já na fase de aposentadoria, mas a experiência do trabalho estava inscrita em suas memórias. A memória enquanto um trabalho ativo dos sujeitos sociais é uma estratégia metodológica para compreender a experiência do trabalho realizada no passado, mas agora a partir do olhar do presente. Desde então, tenho me dedicado às pesquisas sobre memória do trabalho, da família e dos deslocamentos entre áreas rurais e urbanas, assim como dos movimentos sindicais e políticos.

Ao entrevistar homens e mulheres, as relações de gênero se inscrevem nas narrativas como demarcadoras do que se lembra e de como se narra. As memórias dos homens enfatizam aspectos do cotidiano do trabalho, de seu papel como provedor da família, raramente falam de filhos ou filhas, ou mesmo da vida em família. As memórias das mulheres, mesmo quando foram trabalhadores de indústrias ou do setor de serviços, enfatizam os aspectos da família, da educação dos filhos e filhas, os momentos de dor e de alegria e aspectos da intimidade pessoal (Santos Junior, Thibes e Menezes, 2018).

Desde a década de 1980, com a retomada do processo democrático no Brasil, é crescente os esforços de pesquisa sobre memória de trabalhadores e trabalhadoras e ação política, tanto para a construção de acervos de documentação oral e escrita quanto para fins analíticos. Recentemente tive a oportunidade de participar da pesquisa: “Movimentos cruzados e histórias específicas de operários e trabalhadores rurais. Análise comparativa dos ciclos de greves iniciados pelos metalúrgicos de São Paulo e do ABC paulista e pelos canavieiros de Pernambuco no final dos anos 1970”, coordenada pelo professor José Sergio Leite Lopes e Beatriz Heredia (in memoriam), ambos da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e com participação de professores e alunos da Universidade Federal do ABC. Os resultados analíticos da pesquisa estão publicados no livro *Movimentos cruzados, histórias específicas*, organizado por Lopes e Heredia (2019). A pesquisa também teve como

objetivo construir material documental a ser divulgado no site do Programa de Memória dos movimentos sociais – Memov ([www.memov.com.br](http://www.memov.com.br)).

Outra pesquisa que tem como objetivo a construção de acervo virtual de memórias de trabalhadores vem sendo coordenada pela profa. Maria Aparecida de Moraes Silva (UFSCar), intitulada: “*E, de repente, no meio dos canaviais ... Um lugar de memória de trabalhadores/as rurais*”. A proposta do acervo, que vem sendo construída, é tornar público a documentação oral, visual e escrita coletada na trajetória de pesquisa da coordenadora e, também, incentivar outros pesquisadores a vivificar o acervo por meio da participação e constituição de redes (Silva, 2018).

As pesquisas sobre a memória de trabalhadores e trabalhadoras especialmente registradas pela metodologia da história oral, podem contribuir de forma relevante para registrar as narrativas de personagens “subalternos”, cujas vozes raramente estão documentadas, e expressam suas experiências de vida e de trabalho, essenciais na viabilização da vida social.

O desafio que se coloca a nós pesquisadores é como contemplar o rigor das abordagens teórico-metodológicas sobre memória, narrativas, experiência, subjetividades, trabalho, família, gênero, resistência, entre outras questões, com a ética e o compromisso político com estes personagens que são os sujeitos centrais de nosso fazer e do nosso pensar enquanto cientistas sociais.

Na minha trajetória de pesquisa dediquei-me também a outros temas, no entanto, são os temas de trabalho, família e migrações que me movem intelectualmente e afetivamente. A motivação, o interesse e o desejo incessante pelas experiências de trabalho e de vidas de homens e mulheres, trabalhadores do campo e da cidade, talvez tenha um substrato invisível para mim. Seria este, talvez, a manifestação de uma busca pessoal por compreender a minha própria trajetória pessoal e familiar?

## Bibliografia

- Andrade, M.C. (1980). *A terra e o homem no Nordeste*. 4a.ed. São Paulo: Livrara Editora Ciências Humanas
- Bozzoli, B. (1991) *Women of Phokeng. Consciousness, life strategy and migrancy in South Africa, 1900-1983*. Portsmouth: Heinemann, London: James Curray.
- Breman, J. (1985) *Of peasants, migrants and paupers: rural labour circulation and capitalist production in West India*. Delhi: Oxford University Press.

- Breman, J. (1994) *Wage hunters and gatherers; search for work in the urban and rural economy of South Gujarat*. Delhi: Oxford University Press.
- Cavalcanti, J. S. B. (1999). *Globalização, Trabalho, Meio Ambiente*. Recife: Cidade Universitária.
- Durhan, E. R. (1978) *A caminho da cidade. A vida rural e a migração para São Paulo*. Perspectiva.
- Garcia JR, A. R. (1989) *O Sul: Caminho do Rocado. Estratégias de Reprodução Camponesa e Transformação Social*. Sao Paulo: Marco Zero/CNPQ/UNB.
- Garcia JR, A. R.; Heredia, B. ; Garcia, M. F. (1980) Campesinato e Plantation No Nordeste. *Anuario Antropologico* (78), 267-297.
- Harries, P. (1994) *Work, culture and identity: migrant laborers in Mozambique and South Africa, c. 1860-1910*. Portsmouth: Heinemann, Johannesburg: Witwatersrand University Press.
- Lopes, J.S.L. e Heredia, B. (Orgs.) (2019), *Movimentos cruzados, histórias específicas. Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Lopes, J.S.L. (1978) *O vapor do diabo. O trabalho dos operários do açúcar*, Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Lopes, J.S.L. (2013), Entrevista com Moacir Palmeira. *Horizontes Antropológicos* 19 (39), 435-457.
- Mayer, P. (1964) 'Labour migrancy and the social network'. In: Holleman, J.F. et al. (Eds.) *Problems of transition: Proceedings of the social sciences research conference 1962*, 21-34.
- Meillassoux, C. (1977) *Mujeres, graneros y capitales*. México: Siglo XXI.
- Menezes, M. A. (1992) *Histórias de Migrantes*. São Paulo: Loyola.
- Menezes, M. A. (2002) *Redes e enredos nas trilhas dos migrantes: Um estudo de famílias de camponeses - migrantes*. Rio de Janeiro e João Pessoa: Relume Dumará e Ed. UFPB.
- Menezes, M. A. (1985) Da paraiba pra sao paulo e de sao paulo pra paraiba: migração, família e reprodução da força de trabalho, Dissertação de Mestrado. Programa de Mestrado em Sociologia Rural, UFPB, Campina Grande, PB.
- Mitchell, J.C. (1974) 'Social Networks'. *Annual Review of Anthropology* 2, 279-299.
- Moodie, D. (1983) 'Mine culture and Miners' Identity on the South African gold mines'. In: Bozzoli, B. (Ed.) *Town and countryside in the Transvaal: capitalist penetration and popular response, 176-197*. Johannesburg: Ravan Press.



- Murray, C. (1981). *Families divided. The impact of migrant labour in Lesotho*. African Studies series 29. Johannesburg: Ravan Press
- Palmeira, M. G. S. et al. (1977) Emprego e mudança sócio-econômica no Nordeste. *Anuário Antropológico/76*, 207-292.
- Scott, J.C. (1990) *Los dominados y el arte de la resistência*. México: Ediciones Era.
- Scott, J.C. (1985) *Weapons of the weak: the everyday practices of resistance*. Yale University.
- Scott, R. P. (1986) Migrações interregionais e estratégia doméstica. *Revista Brasileira de Estudos de População* 3 (1), 101-105.
- Silva, M.A.M. E, (2018) De repente, no meio dos canaviais ... Um lugar de memória de trabalhadores/as rurais. Projeto de Pesquisa. Edital Universal/CNPq Chamada/28/2018
- Silva, M. M. (1999). *Errantes do fim do século*. Sao Paulo: Ed. UNESP.
- Taussig, M.T. (1980). *The devil and commodity fetishism in South America*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press.
- Thibes, M. Z.; Menezes, M.A.; Santos Junior, J. (Orgs.) (2017) *Famílias, Trabalho, migrações*. São Paulo: Annablume.
- Wanderley, M. N. B. (2013) *Juventude rural: vida no campo e projetos para o futuro*. Recife: Editora da UFP .
- Woortman, K. (1990). Migração, família e campesinato. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 35-51.